

Crise ameaça escola de arte do Parque Lage

Governo do Rio não repassou R\$ 6 mi, metade do orçamento de 2015, para Organização Social que cuida do local

Oca Lage, organização que também é responsável pela Casa França-Brasil, deu aos seus 70 funcionários aviso prévio em 23 de dezembro

ANNA VIRGINIA BALLOUSSIER
DE SÃO PAULO

Não foi exatamente um presente de Natal: no dia 23 de dezembro, os 70 funcionários que trabalham na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage e na Casa França-Brasil receberam o aviso prévio.

Se o governo do Rio não repassar R\$ 6 milhões aos polos culturais —metade nunca paga do orçamento de 2015—, todos poderão ser demitidos no dia 23, quando o prazo expira.

Na terça (19), conselheiros da Oca Lage, uma OS (organização social) contratada pelo governo para gerenciar as duas instituições, se reunirá para decidir os passos a seguir e tentar contornar a situação.

“Espero que o Estado se comprometa e que eu não precise dispensar ninguém”, diz Marcio Botner, presidente da Oca Lage, sócio da galeria A Gentil Carioca e ex-professor e ex-aluno do Parque Lage.

Embora mencione a crise do Rio, que no fim de 2015 paralisou hospitais, ele não aceita conjecturar o que acontecerá caso o governo não deposite o montante devido (todos irão para a rua?) —isso sem falar nos R\$ 12 milhões previstos para 2016, ainda incertos. “Não tenho bola de cristal.”

Questionada sobre os orçamentos de 2015 e 2016, bem como o risco do parque —um dos principais formadores de artistas do país— e da Casa França-Brasil fecharem, a Secretaria de Cultura se limitou a responder que a pasta da Fazenda “ainda vai definir o cronograma de desembolso dos restos a pagar do ano passado”.

No domingo (10), cerca de 40 alunos e professores do parque, encrustado numa área verde de 175 mil m² na encosta do morro do Corcovado, promoveram o “Ocupa Lage”.

Protestavam contra o atraso de sete meses dos repasses



Tânia Rego/Agência Brasil

Cerca de 40 pessoas foram ao ‘Ocupa Lage’ no domingo (10)

e contra a proposta de cobrar entrada para o local —a alternativa para a segura financeira, ventilada pela Oca Lage, já foi descartada, afirma Botner.

Fundada em 1975 por Rubens Gerchman (1942-2008), a escola pariu nove anos depois a exposição “Como Vai Você, Geração 80?”, com 123 artistas (de Beatriz Milhazes a Leonilson) e obras que incluíam gaiotas de papel e uma tela reproduzindo a embalagem do bombom Sonho de Valsa.

Seria menos alentador perguntar como vai a geração 2010. Com 1.400 alunos em 2015, a EAV atualmente ofere-

“ O atraso nos repasses do governo nos impede de quitar dívidas contraídas com prestadores de serviço nos últimos meses de 2015

LISETTE LAGNADO
diretora da EAV

ce cursos de verão como “#SelfiePerformance” (R\$ 380). Mas periga adiar e até cancelar projetos neste ano. Já a Casa França-Brasil postergou uma mostra do artista Angelo Venosa.

Diretora da EAV e curadora da Bienal em 2006, Lisette Lagnado diz estar “apreensiva” por não ter lançado nova convocatória para o PAC (Práticas Artísticas Contemporâneas), programa de bolsas que em 2015 contemplou 140 alunos.

“Podemos nos adequar à contenção do Estado”, ela diz. “Se não for possível um seminário com 20 convidados de fora, faremos com três. Não dá para editar o livro com fotos coloridas? Não tem problema.”

O jeito, por ora, tem sido procurar outras fontes de financiamento. Marisa Monte e Rodrigo Amarante já fizeram shows de graça no Parque Lage para arrecadar fundos.

Em 2016, a delegação olímpica da Grã-Bretanha terá o Parque Lage como sede (o “aluguel”, segundo Botner: R\$ 2 milhões), e a da Finlândia ficará na Casa França-Brasil.